

ARGOS PANOPTES, O GIGANTE DE CEM OLHOS – A ARMADILHA OU A MALDÍCIA QUE O OLHAR ENCERRA

Na presente exposição individual de Rosi Avelar, 11&11, dedicada ao universo dos afectos e das relações amorosas, é impossível não refletir sobre uma mais ampla e significativa combinação de direções referenciais.

O registo privado, constante interesse da artista, permanece no conjunto dos 22+2 retratos expostos em círculo, onde todos se observam e observam o espectador, mas, acima de tudo, são observados por quem os realizou.

É sobre esta capacidade de ver que escrevo com emoção, espanto e admiração, sobretudo porque o conhecimento que tenho da artista e do seu trabalho, se tece no seio da intimidade e da partilha de tudo, inclusivamente da arte. Perante a árdua tarefa da escrita e perante demasiadas coisas, que são importantes para mim, ao refletir sobre a Rosi Avelar, tornou-se evidente o mito de Argos Panoptes.

Argos, o gigante dos cem olhos, aquele cujo nome significa o que tem luz, o que tudo vê. Apesar de ter sido derrotado pelo som da flauta de Hermes, tornando evidente a omnipotência da música sobre a visão, cria, assim, a armadilha ou a maldição que o olhar encerra. Após a derrota dos cem olhos de Argos, fica a questão: a partir de onde e para onde olhar? Olhar o quê e como? De que forma preencher o espaço?

A herança da derrota de Argos só foi apaziguada com a definitiva inclusão de uma visão íntima/pessoal da realidade. Olhar com os dois olhos a proximidade, o tempo, o som da água e o ar que se traduz nas impressões da pele, desenhar o quente e o frio, o duro e o macio. E formas, cores, volumes, desenhar o indizível o inominável, desenhar o tato, o gosto, o som. Assim se cria o transcendental, não do que nos transcende, mas sim do real, tocado, saboreado, visto, ouvido.

São estas as qualidades das 24 pessoas que me observam. Encerram nelas as suas histórias, as suas roupas, o cheiro das suas casas, as suas cadeiras, são mais que retratos meramente fotográficos.

Quanto à autora, tem em si o poder Panóptico, ver sem ser visto, e o Quarto 22 a qualidade circular que ilude a presença de uma câmara de vigilância operada através de um Ipad pela Rosi Avelar.

→ Maria João Castro

ELEVEN & ELEVEN A MEDITATION ON THE INVISIBLE

Eleven couples, represented by twenty-two portraits. Twenty-two individuals connected by the invisible bond between them—the investment they have made in the creation of their lives together, their unique history and experience.

Relationships are creations. They're not naturally occurring, like gravity. Two people diligently work on creating their invisible world. It can make itself partially visible to us through their gestures, expressions, and shared spaces. But even when we do get a glimpse of their invisible tie it's like seeing the surface anatomy of an extremely complex creature; most of what makes it complex is only implied and remains invisible. That surface anatomy is represented in this series by the use of the chair that the partners are both posed in.

Invisible and powerful. So powerful that when one of these relationships encounters difficult times it will send out a shock wave through their community of family and friends. We begin to realize the powerful role these invisible connections play in all our lives.

The medium, the message. These are digital portraits, painted on an iPad. In many ways Ms. Avelar's relationship to her work is as invisible as the bonds between her subjects. Digital art leaves no unique painting or sculpture or film negative. The eyes and hands and thoughtful expressions of these couples only exist as an invisible digital record of the time and skill it took to make it them. The digital record can be made visible in different ways. It can be printed, projected on a building, or carried around on a phone. Each view offers us a different insight into the relationship of the artist to the subject and the technology. The focus of the art is not the physical "thing". But while the digital art may lack the tactile realness of a thing, it is no less real, no less powerful.

These portraits of couples aren't about the visible, the thing, the print. Or even necessarily about the people in the prints. These portraits are about the realness and the power of the invisible.

→ Kerry Conboy

About me. I'm a designer and artist living in Monterey, California. Rosi and I are friends who have never met. We got to know each other through drawings of daily life: husband and kids, wife and nieces, kitchens and living rooms, Portugal and California. Our relationship is simple and undemanding compared to those of the people in these portraits. But it's no less real.